

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE FILOSOFIA

DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO

Sadique Noé Chaniço

Consciência histórica: uma reflexão filosófico-hermenêutica sobre o sentido da interpretação da condição humana em W. Dilthey

Maputo

Dezembro de 2025

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE FILOSOFIA

DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO

Sadique Noé Chaniço

Consciência histórica: uma reflexão filosófico-hermenêutica sobre o sentido da interpretação da condição humana em W. Dilthey

Monografia Científica apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane como exigência para a aquisição do grau académico de Licenciado em Filosofia.

Supervisor: *Doutor Azevedo Jacinto Witnesse*

Maputo

Dezembro de 2025

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Sadique Noé Chaniço, portador do Bilhete de Identidade nº 081301518481A, emitido pela Direcção de Identificação Civil da Cidade de Maputo, aos 14 de Outubro de 2021, declaro que este trabalho é da minha autoria sob a orientação do supervisor, todas as fontes estão devidamente citadas ao longo do trabalho e constam da referência bibliográfica. Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, aos 10 de Dezembro de 2025

(Sadique Noé Chaniço)

DEDICATÓRIA

À minha família

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, pela bênção e protecção que sempre me concedeu.

À minha família, de modo especial ao meu pai Francisco Daconja Chaniço (em memória), minha mãe Amélia Mutonha Chaniço, pela educação.

À minha esposa, Cândida Tomasia Chaniço, aos meus filhos, irmãos que sempre me apoiaram e sofreram comigo nesta jornada académica.

Ao corpo docente da Faculdade de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane, pela educação, orientação, crítica e aprendizado.

Ao meu tutor, Doutor Azevedo Jacinto Witinense, que foi para mim, um verdadeiro Mestre, além de um simples docente, pelo acompanhamento e partilha de conhecimentos que me foi dando ao longo da tutoria desta pesquisa científica.

Aos meus colegas da Faculdade, pela compartilhada interacção e pela colaboração, amizade e interesse demonstrados em todos os momentos da minha peregrinação estudantil. Por último e não menos importante, à todos que directa ou indirectamente contribuíram para a efectivação desta monografia.

RESUMO

A presente monografia intitula-se: Consciência histórica: uma reflexão filosófico-hermenêutica sobre o sentido da interpretação da condição humana em W. Dilthey. O objectivo desta monografia é reflectir sobre a consciência histórica enquanto possibilidade da compreensão do sentido da condição humana. A consciência histórica pressupõe a ideia de que o Homem enquanto um ser histórico não deve abandonar a sua história, pois as suas atitudes quotidianas têm a sua história como fonte de acção. Assim, a consciência histórica deve ser vista como base para o progresso do processo filosófico-hermenêutico, bem como a compreensão da vida e mundividência do Homem. Esta pesquisa segue como metodologia a pesquisa bibliográfica, consistindo assim, na leitura e interpretação das obras de Wilhelm Dilthey e outros filósofos hermenêuticos que discutem sobre a mesma temática em destaque sob diversos prismas e contextos sociais, políticos, filosóficos e académicos, procurando assim a afirmação da consciência histórica. Para tal, erguem-se as seguintes questões: sob quais condições considera-se a consciência histórica como possibilidade para a compreensão do sentido da condição humana? A presente pesquisa conclui que há uma necessidade de analisar minuciosamente sobre os critérios considerados fiáveis para o progresso da hermenêutica filosófica. Desta forma, os dados levantados nesta pesquisa, de modo especial, no seu referencial teórico demonstram sobre a necessidade de novas abordagens hermenêuticas, sobretudo, na valorização da consciência histórica. Os resultados desta investigação podem servir de sustentáculo para uma discussão mais atenta e cuidadosa na área da Hermenêutica filosófica com o objectivo de invocar a relevância da consciência histórica na actividade filosófico-hermenêutica e afirmar-se, deste modo, como uma possibilidade necessária para a hermenêutica da condição humana.

Palavras-chave: Consciência histórica, hermenêutica, historicidade humana e compreensão da vida

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	ii
DEDICATÓRIA	iii
RESUMO.....	v
Introdução	7
CAPÍTULO I: ÂMBITO DA EMERGÊNCIA TEÓRICA DA IDEIA DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	10
1.1. Crítica ao positivismo e adoção do historicismo.....	10
1.2. Historização do kantismo.....	12
1.3. Fundamentação das ciências do espírito	13
CAPÍTULO II: CENTRALIDADE DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA	17
2.1. Noção da consciência histórica.....	17
2.2. consciência histórica e construção da mundividência.....	19
2.3. Historicidade humana: fulcro da compreensão hermenêutica	21
CAPÍTULO III: INTEGRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA BUSCA DO SENTIDO DA CONDIÇÃO HUMANA	24
3.1. A consciência histórica e compreensão da vida.....	24
3.2. Compreensão da vida: base da hermenêutica historicista	26
3.3. Círculo hermenêutico e consciência histórica.....	28
CONCLUSÃO	31
Bibliografia	32

Introdução

O tema da presente monografia é o seguinte: *Consciência histórica: uma reflexão filosófico-hermenêutica sobre o sentido da interpretação da condição humana em W. Dilthey.*

O processo hermenêutico deve tomar em consideração a relevância da consciência histórica, onde o tempo, o espaço e o contexto da vivência do autor colocam-se como importantes para captar o seu pensamento. Diante desta análise fica colocada a ideia de que a consciência histórica é fundamental para a o processo da busca do sentido da condição humana. Aqui emerge o problema de pesquisa, formulado nos termos seguintes: *sob quais condições considera-se a consciência histórica como possibilidade para a compreensão do sentido da condição humana?*

A escolha deste tema deve-se a três razões, a saber: académica, profissional e social. Em relação a primeira, constata-se que, nos primórdios do nascimento da hermenêutica filosófica, esta actividade racional estava restrita ao mundo literário, quer dizer, a hermenêutica era uma teoria da interpretação de textos. Ora, com a proposta de Dilthey, a partir de pressupostos do seu historicismo, descoloca o eixo da interpretação, introduz a necessidade de compreender, igualmente, o sujeito da interpretação, na sua condição de ente inserido na história. Para mim isto foi porque despertou a necessidade de tomar em consideração, por um lado, a ideia de que a compreensão de um texto não é suficiente com uma leitura fora das categorias do tempo e espaço e, por outro, a valorização da consciência histórica através da qual, a compreensão do sentido da condição humana por meio da análise da vida do autor, historicamente, inserido constitui um elemento pontual na interpretação. A segunda razão que é profissional tem a ver com o facto do trabalho que realizo. O meu trabalho exige a interpretação da realidade, o modo de comporta-se dos meus colaboradores para o crescimento corporativo da instituição em que estou inserido. Nestes termos, a escolha de tema e deste autor é mais-valia para o meu crescimento profissional. Em termos sociais, este ajuda a compreender a dinâmica das relações sociais, o comportamento dos indivíduos nos locais em estou inserido, socialmente, e ajuda a melhorar a minha inserção social, sabendo que cada indivíduo tem história e contexto próprios, pensa diferente, buscando harmonia social

O presente trabalho científico tem como objectivo geral: reflectir sobre a consciência histórica enquanto possibilidade da compreensão do sentido da condição humana. Daqui são colocados três objectivos específicos, a saber: apresentar o âmbito da emergência teórica da ideia de consciência histórica; explicar a centralidade da consciência histórica na hermenêutica

filosófica; e, por fim, pormenorizar a integração da consciência histórica na busca do sentido da condição humana.

O referencial teórico desta pesquisa está alicerçado na hermenêutica historicista de W. Dilthey. Aqui serão analisados os seguintes conceitos: consciência histórica, historicidade humana e compreensão da vida. Em relação a consciência histórica, em Dilthey, a necessidade de pensar na dimensão histórica da experiência humana confere à Hermenêutica o método apropriado para a fundamentação das ciências históricas ou ciências humanas, sendo deste modo que a hermenêutica se vê numa nova dimensão, fazendo deste modo que se tenha um novo modelo de conhecimento o qual visa a compreensão das realidades do espírito, tudo isto com a pretensão de que se colocasse os fundamentos epistemológicos dos estudos humanistas. Uma vez observada a crítica da razão pura de Kant detectou na mesma, que há pouca possibilidade de compreender a vida interior do Homem. Por isso, sugeria que a mesma fosse colocada sob forma de categoria de auto-interpretação, ao invés de se considerar como uma teoria, e ao invés de ser uma crítica de razão pura dever-se-ia conceber como crítica da razão histórica, pois essa auto-interpretação só se manifesta pela história.

No que resopeita a noção de hermenêutica, Dilthey analisa este conceito dentro do método histórico, ao ponto de se compreender *o problema da compreensão do homem era um problema de recuperação da consciência da historicidade» da nossa própria existência que se perdeu nas categorias estáticas da ciência.* quer dizer, a hermenêutica passou a base metodológica para a compreensão das ciências do espírito (humanidades).

Em relação a historicidade humana, Dilthey sustenta que a experiência tem fundamentado a historicidade da existência humana no mundo. Esta historicidade não é acúmulo de passados mas sim, é uma mentalidade tradicional que nos subordina a ideias mortais. A experiência é intrinsecamente temporal por isso é dado em categorias de pensamento temporais, ou seja, em histórias. Isso quer dizer que só compreendemos o presente apenas no horizonte do passado e do futuro.

No que se refere a compreensão da vida coloca-se pontual a afirmação, segundo a qual, os conceitos de vida e historicidade percorrem a hermenêutica de Dilthey, pois consideram-se termos-chaves para a compreensão do mundo e do Homem no pensamento do historicista. Isso implica dizer que nas argumentações sobre as ciências do espírito, o conceito “vida” deve ser

visto numa dimensão mais ampla e não somente na dimensão biológica. Ou seja, o conceito “vida” tem na hermenêutica de Dilthey uma compreensão histórica que deve ver com o passado do Homem e os seus comportamentos actuais, pois em Dilthey, há que compreender o Homem e explicar a ciência.

Metodologicamente, esta monografia basear-se no método de revisão bibliográfica e auxiliada pela técnica da hermenêutica textual que consiste na leitura, compreensão e interpretação das obras do autor em debate no presente trabalho.

Esta monografia, quanto à estrutura, é composta por três capítulos. O primeiro intitula-se: Âmbito da emergência da ideia da consciência histórica. Aqui se apresenta a crítica ao positivismo, adesão ao historicismo, a historicização do kantismo e a fundamentação das ciências do espírito como aspectos que jogaram um papel relevante para a concepção do conceito de consciência histórica.

O segundo capítulo denomina-se: Centralidade da consciência histórica na hermenêutica. Aqui se conceptualiza a consciência histórica e explica-se como por meio da perspectiva historicista constrói-se a mundividência e a concepção da historicidade humana como fulcro da hermenêutica.

E por fim, no terceiro capítulo chamado: Integração da consciência histórica na busca do sentido da condição humana. Aqui se pormenoriza a questão da consciência histórica e compreensão da vida, a compreensão da vida como base da hermenêutica e o lugar do círculo hermenêutico na consciência histórica.

CAPÍTULO I: ÂMBITO DA EMERGÊNCIA TEÓRICA DA IDEIA DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Neste capítulo pretende-se apresentar o âmbito da emergência da ideia da consciência histórica em Dilthey. Para este efeito apresenta-se a crítica ao positivismo, adesão ao historicismo, a historicização do kantismo e a fundamentação das ciências do espírito como aspectos que jogaram um papel relevante para a concepção do conceito de consciência histórica.

1.1. Crítica ao positivismo e adoção do historicismo

De entre outros contextos teóricos arroláveis, a crítica ao modelo positivista de explicação dos fenómenos que impera o pensamento ocidental constitui um momento relevante para a formação do pensamento de Dilthey, de onde vai emergir a ideia da consciência histórica. Por este facto, tem sentido dizer que o pensamento de Dilthey surge em oposição ao positivismo, visto que este movimento aludia a ideia de que só seria considerado ciência toda a área de estudo que obtivesse o objecto de estudo segundo os critérios positivistas, deixando de lado todas as ciências sociais. Por isso, os historicistas tinham como objectivo, tornar científicas as ciências históricas, e com essa via, as ciências do espírito, segundo Dilthey.

O século XIX é designado por século da história, na Alemanha, por conta do surgimento do movimento filosófico designado por historicismo que tinha como objectivo o estudo das condições de possibilidade, ou seja, da autonomia e de validade cognitiva das ciências históricas. *O Homem, conclui Dilthey, é um ser histórico. E históricos são todos os seus produtos culturais, inclusive a filosofia e, portanto, também a metafísica.* (REALE; ANTISERI, 2006: 39). Nesta perspectiva definitória remete-nos a temática das mundividências que se preocupa com compreensão da explicação dos paradigmas sociais.

Por querer compreender o texto com base na história, Dilthey fundamenta que devemos ter a consciência histórica do texto para a sua melhor interpretação. *“Entre a consciência histórica da sua multiplicidade ilimitada e a pretensão de cada um à validez universal existe uma contradição que corrobora o espírito céptico com muito mais força do que qualquer demonstração sistemática”* (DILTHEY, 1992: 01). Nesta ordem de ideia, fundamenta Dilthey que o historicismo ou a consciência histórica deve fazer parte da hermenêutica, pois a consciência histórica remete-nos a ideia da concepção da ciência centrada na compreensão do comportamento e da escrita do Homem.

Dilthey enquanto historicista, defendia a ideia de que a história é obra do Homem, das suas acções e relações situadas em contextos históricos precisos, e não o resultado de leis inelutáveis. Assim, com o desenvolvimento deste pensamento, este procurara colocar a consciência da importância da história no percurso do homem. Daí que, o historicismo diltheyano centra-se na questão da fundamentação da autonomia das ciências do espírito e este pensamento crítico deste historicista é notório nas suas obras literárias, desde à “*Introdução às ciências do espírito (1883)*” até à “*A construção do mundo histórico nas ciências do espírito (1910)*”, passando pela sua principal filosofia intitulada de crítica da razão histórica.

Em Abbagnano (1998: 508- 509) denota-se quatro sentidos que se podem entender com o termo historicismo, nomeadamente: historicismo enquanto doutrina na qual reside a ideia de que a realidade é histórica e que todo o conhecimento é histórico; historicismo enquanto doutrina que observa na história a revelação divina no sentido de considerar que cada momento histórico deve ter uma relação directa com Deus e seus valores transcendentais inclusos na história; historicismo enquanto doutrina que exalta a ideia de que as unidades cuja sucessão histórica constitui são organismos globais cujos elementos, necessariamente vinculados, só podem viver no conjunto, afirmando assim a relatividade dos valores e a unidade histórica que pertencem; por último, a ideia de historicismo enquanto corrente da filosofia alemã que no fim do século XIX e nos princípios do século XX teve a enorme atenção nos problemas críticos da história.

O supradito acontece com o auge do pensamento kantiano, mas Dilthey levanta um problema fundamental na razão histórica, pois até ao alcance da História enquanto ciência, entrava em colapso o pensamento de Kant na qual se debatia o problema da possibilidade das ciências históricas. Ou seja, da sua validade universal. Assim, Dilthey contrapondo Kant, debate no seu historicismo a ideia do estabelecimento da visão diferencial entre as disciplinas históricas em oposição às disciplinas das ciências naturais.

A hermenêutica filosófica por parte de Dilthey recebe o seu contexto partindo do debate sobre a legitimação científica das ciências sociais e do espírito. Assim, com o auge do historicismo, o pensamento hermenêutico diltheyano ganha um espaço na vertente da busca da consciência histórica como um dos factores para a compreensão hermenêutica.

Segundo Grodin (1999: 148- 149), Dilthey admite que qualquer ciência é experimental. Até aqui, parece-nos um Dilthey positivista. Mas, o Dilthey historicista defende que a experiência das ciências do espírito possui o seu contexto e a validade no estruturante “a priori” da nossa consciência. Nesta via, a experiência das ciências do espírito é própria da vida interior das

condições subjectivas, contrapondo as experiências exteriores das ciências naturais. Quer dizer, as ciências do espírito tratam do que escapa a tendência positivista da quantificação observacional e laboratorial dos fenómenos. Logo, Dilthey concorda com Kant na ideia de que as ciências morais e humanas existentes deveriam ser mais conscientes da sua natureza e alcance. Ou seja, o ponto de reflexão não seria a acção moral do sujeito e nem do objecto. Mas, seria deveria o facto concreto das ciências do espírito.

1.2. Historização do kantismo

Nesta ordem de ideia acima colocada, vale lembrar que Dilthey é um dos percursores sonantes do historicismo alemão, pois ruma em oposição aos grandes pensadores da sua época, com destaque para Immanuel Kant nas suas obras intituladas *crítica da razão pratica e crítica da razão pura*. Segundo Reis (2002: 03) Dilthey parece ser neokantiano na medida em que segue a filosofia kantiana, mas procura uma fórmula crítica da teoria crítica das ciências do espírito. Ou seja, Dilthey avança que Kant encontrou o problema da filosofia, mas não o resolveu: o problema do estudo do Homem. isto porque foi feito a partir duma abordagem assente numa filosofia transcendental, minimizando o valor da imanência do próprio homem. Por esta via, Dilthey extrai a lógica cognitiva segundo a qual existe uma realidade exterior, assim como aceitava Kant. Porém, em Kant, a realidade exterior não era conhecível. Logo, Dilthey procura a cognoscibilidade da realidade exterior, evitando o dogmatismo e o cepticismo. Assim, a crítica da razão histórica em Dilthey deveria reconhecer as leis, os fenómenos e a consciência histórica que regem os fenómenos humanos e sociais.

Numa outra perspectiva, para a emergência da Hermenêutica da consciência histórica em Dilthey, temos que lembrar a sua contraposição com o pensamento do seu antecessor, Schleiermacher, pois este psicologiza a Hermenêutica, ao passo que Dilthey diz que não é necessário mergulhar na vida do autor. “*Contra o construtivismo de uma psicologia esclarecedora, propõe ele a ideia de uma psicologia antes entendedora, que estabelece o seu ponto de partida no todo contextual da vida, como ele ocorre na vivência...*” (GRODIN, 1999: 149). Entende-se aqui que enquanto Schleiermacher traduz a hermenêutica em duas dimensões, gramatical e técnico- psicologia, Dilthey ressalta a necessidade da segunda dimensão tendo em conta a subjectividade e o *modus vivendi*. Ou seja, a natureza da alma deve ser entendida não como um objecto isolado, mas, como algo da vivência humana.

A crítica da razão pura mostrou que o espírito humano nada pode saber das realidades transcendentais aos fenómenos, pois não há uma intuição intelectual. Agora, no domínio

prático, a Crítica mostra que essas realidades devem ser afirmadas. Assim, se impõe de novo a metafísica segundo uma forma, a única, segundo Kant, a ser possível numa idade dominada pelo ideal da ciência positiva... (KANT, 2001: 14).

Dilthey recuperou as afirmações kantianas de negação da metafísica, visto que Kant afirmara que o mundo supra-sensível não era acessível para um estudo científico. Assim sendo, o mundo supra-sensível remaneava sobre o sentimento e não poderia ser objecto da ciência. Por via disso, via-se que a crítica da metafísica era uma função maior da filosofia e que, para ambos, era a mãe das ciências. Deste pensamento kantiano, Dilthey repousa a sua principal crítica que outrora significara o seu projecto de fundação de uma ciência experimental dos fenómenos espirituais que significaria uma análise exterior do Homem.

A *crítica da razão pura* não engloba o universo histórico do Homem. Desta feita, Dilthey escreve a sua *crítica da razão histórica*, onde procura englobar o universo histórico do Homem. Na visão hermenêutica de Dilthey, havia necessidade de substituição da *crítica da razão pura* porque este analisava somente os fenómenos metafísicos. Assim, Dilthey procura analisar a mundividência e escreve a sua *crítica da razão histórica*.

Com a *crítica da razão histórica*, Dilthey apega-se à dimensão psicológica de Schleiermacher e adopta um carácter racionalista. Logo, “criamos o pensamento do autor e recriamos o pensamento do autor”. Nesta óptica, recriar significa adoptar os métodos divinatórios. Logo, a hermenêutica diltheyana está ao serviço dos autores através dos rasgos comuns (nascimento, estilo de vida e morte). Por esta via, Dilthey é considerado o filósofo da vida.

O historicismo hermeneuta não foi desenvolvido somente por Dilthey, como também por vários outros autores e cada um na sua perspectiva. Diante disso, podemos encontrar diversas concepções sobre a hermenêutica o que faz com que esta área seja rica em perspectivas definitórias e ou até mesmo, sobre os itens para uma boa interpretação.

1.3. Fundamentação das ciências do espírito

Na leitura sobre a compreensão do pensamento de Dilthey, há que compreender a influência recebida pelo seu contemporâneo Friedrich Hegel, na sua fenomenologia de espírito. Dilthey não segue a questão fenomenológica na sua íntegra, mas faz uma reviravolta da fenomenologia do espírito para a questão da legitimação epistemológica das ciências do espírito. Acrescentando, Dilthey acrescenta o factor da consciência histórica para a construção do processo histórico, o que nos faz perceber a influência hegeliana em Dilthey.

Segundo Hegel (1992: 07), no processo de formação histórica encontra-se a razão enquanto espírito quando a certeza de ser toda a realidade se eleva à verdade, e quando é consciente de si mesma como de seu mundo e do mundo de si mesma. Nesta ordem de ideia, o que virá a ser do espírito ilustra-se como sendo um movimento anterior pelo qual o objecto da consciência, ou seja, a categoria pura quando se eleva ao conceito da razão.

Antes de Dilthey, já havia debate sobre a vida. Com isso, e de acordo com Palmer (2006: 127), Dilthey deixa de fora o pensamento do eu transcendental dos idealistas alemães e valoriza a experiência humana como o passo primordial do processo histórico hermenêutico.

Numa outra vertente e para a legitimação das ciências do espírito, Dilthey teve que travar uma discussão histórica com os positivistas, pois estes defendiam o método das ciências naturais como sendo o único legitimador das ciências. Assim, o objecto de estudo das ciências do espírito deveria passar pelo crivo da verificação para a legitimação desse saber como científico. Daí que:

Dilthey tinha como objectivo apresentar métodos para alcançar uma interpretação «objectivamente válida» das «expressões da vida interior». Ao mesmo tempo reagiu drasticamente à tendência que os estudos humanísticos revelavam tomando as normas e os modos de pensar das ciências naturais e aplicando-as ao estudo do homem. (PALMER, 2006: 105).

Nos seus estudos historicistas, Dilthey procurou as condições de legitimação das ciências do espírito e, sob a égide das condições positivistas, denotou que não seria possível o estudo das ciências do espírito com base nos crivos positivistas. Diante disso, Dilthey expõe os métodos para a compreensão e explicação das ciências do espírito que seriam necessariamente a compreensão interior, visto que as ciências naturais eram guiadas pela explicação exterior dos fenómenos naturais.

Entre as ciências explicativas e compreensivas (do espírito) parecem serem superiores as ciências do espírito, pois a ciência da natureza não usam objectos das ciências humanísticas. Por via disso, na hermenêutica de Dilthey procuramos encontrar a consciência da historicidade.

Chegamos ao conhecimento de nós próprios não através da introspecção mas sim através da história. O problema da compreensão do homem era para Dilthey um problema de recuperação de consciência da historicidade da nossa própria existência que se perdeu nas categorias estáticas da ciência. (PALMER, 2006:107).

Com Dilthey, a Hermenêutica consegue o estatuto de área de estudo de um modo de conhecimento da vida humana, especialmente capacitado para reter a cultura, irreduzível em si

mesma aos fenómenos naturais. Assim, quase no século XIX, Dilthey começa a descortinar que a Hermenêutica é o fundamento da humanidade. Assim, a experiência concreta, histórica e vivida passa a ser o ponto de partida e chegada do conhecimento humano. Em Dilthey, a Hermenêutica encontra um avanço científico, pois este restringe a Hermenêutica para as ciências do espírito e despoleta vários assuntos que Schleiermacher não tocou.

Dilthey faz uma distinção da hermenêutica muito interessante no que diz respeito a Hermenêutica, colocando-a como uma ciência do espírito. Assim, ele distingue as ciências em naturais e ciências do espírito. As ciências humanas retratam sobre a humanidade, tais como a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Geografia, entre outras. Quando se fala das ciências naturais, corremos logo para pensar nas ditas ciências exactas, tais como a matemática, Física, Medicina, Química, entre outras. Agora, em Dilthey, encontramos a Hermenêutica como sendo a ciência do espírito.

Partindo do pressuposto acima, podemos dizer que a Hermenêutica está ao serviço do estudo das ciências do espírito, pois em Dilthey, a Hermenêutica faz um estudo para a compreensão dos conceitos criados pelo Homem. Ao passo que as ciências naturais não precisam de alguma interpretação, somente de explicação. Ou seja, as ciências naturais precisam ser explicadas. Ao passo que as ciências do espírito necessitam de interpretação por natureza, pois não se trata de uma ciência objectiva. Logo, a Hermenêutica carece de processos interpretativos nas questões que são subjectivas. Nesta ordem de ideia, Dilthey torna-se um autentico antropocentrista, pois os seus estudos estão centrados no Homem e as ciências do espírito só existiriam com base na recuperação da consciência histórica do Homem.

Na sua obra intitulada *“Introdução as Ciências do espírito”*, Dilthey afirma que as Ciências da natureza e as ciências do espírito se diferenciam pelo seu objecto de estudo. Logo, as ciências na natureza estudam os fenómenos externos ao Homem. Ao passo que as ciências do espírito na podem ser vistas como uma ciência, pois ela é o mundo das relações entre os indivíduos, mundo ao qual o Homem tem a consciência imediata. Assim, a diferença dos objectos de estudo implica uma diferença gnosiológica. Ou seja, a experiência externa nos passa os dados da ciência. Ao passo que a observação interna fornecem-nos os dados do espírito (a experiência vivida).

Vale dizer que, sendo um eterno historiador e precursor da história, Dilthey introduz as ciências do espírito dando conta que estas estudam tanto as leis e a uniformidade dos fenómenos, quanto os acontecimentos em sua singularidade. Com estas duas formas de compreender as ciências

do espírito e mais tarde, aparecem dois conceitos importantes na hermenêutica de Dilthey: compreensão e explicação.

Neste capítulo são debate pontos centrais que expressam os âmbitos teóricos através dos quais Dilthey encontra influências, mas apresenta contrapontados sobre estas, cujo intuito é construir o seu historicismo através do qual vai emergir o conceito de consciência histórica como ideia central desta monografia.

CAPÍTULO II: CENTRALIDADE DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Neste capítulo explica-se a centralidade da consciência histórica na hermenêutica filosófica. Para materializar este propósito aqui se conceptualiza a consciência histórica e explica-se como por meio da perspectiva historicista constrói-se a mundividência e a concepção da historicidade humana como fulcro da hermenêutica.

2.1. Noção da consciência histórica

A Hermenêutica teve o seu progresso ao longo dos tempos e foi alvo de diversas reflexões e controvérsias entre hermenêutas. Estes procuravam o procedimento simplificado para a compreensão e interpretação dos textos filosóficos. Destes hermenêutas, podemos destacar Schlegel, Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer, entre outros. *“Para dizer a verdade, Dilthey concebia a hermenêutica não somente como conjunto de questões técnicas, isto é, metodológicas, mas também como perspectiva de natureza filosófica que servisse de base da consciência histórica e da historicidade do homem”* (REALE; ANTISERI, 2006: 250). Cada um desenvolvendo o seu método, a hermenêutica conhecia assim a sua evolução enquanto ciência interpretativa, levando-nos as definições desta área filosófica de acordo com o entendimento de cada filósofo e na contextualização da sua época filosófica.

Enquanto se defendia a Hermenêutica como ciência da compreensão linguística, pode-se afirmar que desde Schleiermacher, a Hermenêutica torna-se uma área de ensino e ganha o estatuto de filosofia. Mais tarde e com Dilthey, vê-se que a Hermenêutica passa a ser definida de outra forma: hermenêutica enquanto base metodológica para as ciências sociais e todas aquelas disciplinas cujo interesse é de interpretar as expressões da vida do Homem. Assim podemos dizer que *“Tinha como objectivo apresentar métodos para alcançar uma interpretação «objectivamente válida das expressões da vida interior» ”* (DILTHEY apud PALMER, 2006:105).

Pode-se compreender que o principal interesse de Dilthey era o de apresentar métodos à própria hermenêutica, os quais pudessem facilitar que se interprete um dado facto. Subentende-se que não se trata apenas de interpretar textos ou ditas obras de um dado autor. Mas, procurar chegar ao conjunto da vida psíquica, que possa se transformar no modelo metodológico apropriado para as ciências humanas. Nesta senda diltheyana, há uma virada paradigmática, pois ver a hermenêutica como sendo metodologia para as ciências do espírito, remete-nos a ideia de mundividências.

Segundo Palmer (2006:105), Dilthey constata que a Hermenêutica pode servir no estudo do Homem, relacionado as questões como a interpretação da vida humana e, determinou ainda que, a mesma deve ter como seu único ponto de partida, a experiência concreta que seria tudo aquilo que estivesse ligado ao Homem como um processo histórico o qual o próprio Homem fez ou faz parte. Essa experiência concreta serviria como o ponto de partida e chegada, justificando assim que tudo começa pelo simples facto da existência da vida.

Para Dilthey nada se pode estudar para além da vida, é por essa razão que frisava que o que é imperioso é a própria vida, o Homem é o que é pela vida.

Para Dilthey qualquer espécie de base metafísica para descrever o que se passa quando compreendemos um fenómeno humano é logo de início recusada, pois dificilmente levaria a resultados considerados universalmente válidos. O problema está antes na especificação de qual o tipo de conhecimento e de qual o tipo de compreensão particularmente adequados para interpretar os fenómenos humanos. (DILTHEY *apud* PALMER, 2006:107)

Na compreensão de Dilthey, encerrar a metafísica como base para se compreender o fenómeno humano é impossível, pois a metafísica estuda aquilo que está para além da vida e ele não tinha esta pretensão. Logo, esta é recusada e assim, vê-se na necessidade de se especificar o tipo de conhecimento que se pretende conhecer e quais são os meios adequados para que se possa compreender tais fenómenos, visto que, a intenção que se tinha era o de universalizar tal compreensão. Dilthey faz ainda uma espécie de crítica ao pensamento kantiano no que diz respeito a sua obra “*crítica da razão pura*”, escrevendo por sua vez a “*crítica da razão histórica*”, é este o contexto que dá um marco significativo à hermenêutica de Dilthey.

Para Dilthey, esta necessidade de pensar na dimensão histórica da experiência humana confere à Hermenêutica o método apropriado para a fundamentação das ciências históricas ou ciências humanas, sendo deste modo que a hermenêutica se vê numa nova dimensão, fazendo deste modo que se tenha um novo modelo de conhecimento o qual visa a compreensão das realidades do espírito, tudo isto com a pretensão de que se colocasse os fundamentos epistemológicos dos estudos humanistas. (Cf. DILTHEY *apud* SILVA; 2015: 37).

Observando a crítica da razão pura de Kant detectou na mesma, que há pouca possibilidade de compreender a vida interior do Homem. Por isso, sugeria que a mesma fosse colocada sob forma de categoria de auto-interpretação, ao invés de se considerar como uma teoria, e ao invés de ser uma crítica de razão pura dever-se-ia conceber como crítica da razão histórica, pois essa auto-interpretação só se manifesta pela história.

Neste sentido confere-se à Hermenêutica o método histórico. “*o problema da compreensão do homem era para Dilthey um problema de recuperação da consciência da «Historicidade» da nossa própria existência que se perdeu nas categorias estáticas da ciência*” (SILVA, 2015:107). A compreensão não era alcançada de maneira plausível, pois era estático, não se dinamizava a própria compreensão, não eram encarradas como temporais e finitas, e o método histórico é capaz de reverter esta situação uma vez que não se trata de compreender o Homem de forma exterior a vida, mas sim de maneira interior a vida.

No esforço da compreensão da vida interior do homem através da sua historicidade, em Dilthey, compreende-se que “*É o método histórico o núcleo de uma Hermenêutica, porque ela parte do «mundo vivido» ou do reino da significação. A sua compreensão caracteriza-se, assim, pelo facto de já não reduzir o fenómeno a leis gerais típicas, tal como acontece no modelo explicativo*” (SILVA, 2015: 38). Em suma, há aqui a necessidade de consciência histórica, visto que concebe à Hermenêutica esse prisma de interioridade à vida do próprio Homem, garantindo desta forma a compreensão do mesmo.

Noutro lado, há que ressaltar que o conceito de vida encontra-se interconectado com a consciência histórica, pois essas duas noções pressupõem a união do saber absoluto que o Homem pode ter enquanto experiência histórica. Falo isso, pois a vida histórica não pode ser inibida de conhecer na sua possibilidade o pensamento histórico. “*Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da sua historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião...*” (GADAMER, 2003: 17).

2.2. consciência histórica e construção da mundividência

Após a sua contribuição na constituição das ciências sociais e humanas Dilthey na Apresentação do seu livro intitulado “*Tipos de concepção do mundo*”, o tradutor refere que tinha uma obsessão em elaborar uma teoria morfológica das imagens do mundo e dos sistemas filosóficos, e ainda explicitação do sentido da luta filosófica dos sistemas e acentuação da relatividade do pensar humano. Com isso, está preocupado em constituir um método próprio que para tal, já enunciamos anteriormente a hermenêutica.

Em Dilthey (1992: 9) parte do pressuposto de que a filosofia não deve buscar no mundo a conexão dos conceitos mas no próprio homem, uma ligação interna dos seus conhecimentos, visto que a vontade do homem passa por compreender a vida experienciada pelos homens, daí,

toda a mundividência tem a sua raiz na própria vida. Essa vida vivida em discursos singulares vitais de cada indivíduo.

A vida é o ponto de partida para todo o agir humano. Ela é inconcebível, inexplicável, impérvia ao conceito ou pelo conceito. Ela é a pluralidade de aspectos, é encarado como um processo de diversificação e de diferenciação que se desdobra em experiências inéditas. Esta vida encontra-se patente no nosso conhecimento em formas inéditas. Ela mostra nos por toda parte os mesmos rasgos em comuns. Em outras palavras, o modo como a experiência vivida se apresenta e completamente distinto ao modo como as imagens se colocam face a mim.

De acordo com Silva (2015: 42) com Dilthey, compreende-se o Homem mediante o que este tem sido ao longo do tempo, participando do sentido por ele dado e explica-se a natureza, que é a segunda universalização da hermenêutica que passa a responder à necessidade sentida pelas história que alarga o campo de compreensão tradicional. Quer dizer, abre espaço para as futuras hermenêuticas passarão a basear-se na historicidade aberto pelo Dilthey. Daí, é considerado filósofo da vida, pelo facto de dado avanço a historicidade e empenhou se bastante para compreender a historicidade e via o homem animal hermenêutico.

Pode se notar que Dilthey rompe com a tradição de ver a hermenêutica, deixa de ser ciência de interpretação, como constituiu Schleiermacher, e passa a ser um método ao serviço da compreensão da das ciências humanas. Dito doutro modo:

A hermenêutica deve fundamentar teoricamente a validade universal da interpretação [...] concebida na conjunção entre teoria do conhecimento, lógica e metodologias das ciências humanas, esta teoria da interpretação se torna um importante elo de ligação entre a filosofia e as ciências humanas, ela se torna um elemento principal para fundamentação das ciências humanas. (DILTHEY, 1999: 32).

Pode-se aferir que a vida humana é complexa e possui mais aspectos do que os fenómenos da natureza, uma vez que todas as experiências humanas e actividades são atravessadas por escolhas, preferências, valores, julgamentos. Diante disso, as ciências humanas devem, também constituir um corpo de disciplinas mais variado e mais dividido, o qual nenhum método ou princípio pode governar. As ciências humanas seriam assim dependente da habilidade dos pesquisadores para entender o padrão estrutural da experiência e como consequência ver o comportamento humano do interior.

2.3. Historicidade humana: fulcro da compreensão hermenêutica

Sendo que a vida é o conjunto das experiências de cada indivíduo, Dilthey (*apud* PALMER, 2006: 115), sustenta que a experiência tem fundamentado todos os esforços seguintes que afirmam a historicidade da existência humana no mundo. Esta historicidade não é acúmulo de passados mas sim, é uma mentalidade tradicional que nos subordina a ideias mortais. A experiência é intrinsecamente temporal por isso é dado em categorias de pensamento temporais, ou seja, em histórias. Isso quer dizer que só compreendemos o presente apenas no horizonte do passado e do futuro.

Com o passar do tempo, como mostra Dilthey (*apud* PALMER, 2006:13), que a estranheza da vida humana aumenta a medida que o homem experimenta na sociedade e na natureza a luta permanente, a aniquilação constante de criatura por outra, e a crueldade que impera na natureza. Com a repetição e ligação destas experiências de vida surgem novas disposições acerca da vida. Em Palmer (2006:124), entende as mundividências como sendo aquilo que a compreensão capta na interação essencial recíproca de todo e das partes. O todo recebe a sua definição das partes e reciprocamente, as partes só podem ser compreendidas na sua referência ao todo. Ou seja, mundividências são as maneiras ou modalidades de lidar com as contradições da vida. É uma forma de ver, perceber e conceber o mundo que influencia a vida espiritual do ser humano.

Em Grodin (1999: 151) vemos que a mundividência demonstra a questão da dinâmica da vida interior que surge como um conjunto de pensamento, sentimentos e vontades que determinam o processo histórico. Por via disso, o objectivo das ciências do espírito deve ser vista com base nas categorias intrínsecas, ou seja, a vida que só pode ser compreendida pela própria experiência vivida. Logo, o conceito vivência torna-se fundamental para a compreensão do pensamento hermenêutico diltheyano, na medida em que a mesma vivência edifica o conceito de compreensão das ciências humanas, visto que as ciências humanas diferenciam-se umas das outras não pelo objecto de estudo, mas pela relação diversificadas que tem com o objecto.

Na concepção de Dilthey (*apud* PALMER, 2006:15) todas as mundividências apresentam uma estrutura ou regra geral que é a conexão sobre uma concepção referencial do mundo, pela qual se decidem as questões acerca do significado e do sentido da vida e daí se deduzem o ideal, o sumo bem, os princípios supremos da conduta humana. Essas mundividências tornam-se configuradora, reformadora e ainda, podem fomentar a compreensão da vida e induzem a objectos vitais e preciosos, conservando-se e suplantando-se mutuamente.

Diante do exposto acima, as mundividências na perspectiva do Dilthey desenvolvem-se em condições diferentes e daí, a multiplicidade das concepções do mundo.

As mundividências desenvolvem-se em condições diversas. O clima, as raças, as nações determinadas pela história e pela formação estatal, as delimitações de épocas e períodos temporalmente condicionadas, em que as nações entre si cooperam, congregam-se para gerar as condições que actuam na origem da multiplicidade das concepções do mundo. A vida que brota em condições tão especializadas é muito diversificada, e assim o é também o próprio homem, que apreende a vida (DILTHEY, 1992: 17).

Essas mundividências não são produto do pensamento mais, brotam da conduta vital, da experiência da vida, e da estrutura da nossa totalidade psíquica. Ademais, a ideia de mundividência é essencial para o entendimento da forma como as teorias filosóficas surgem. Logo, torna-se visível que a mundividência é o caminho histórico que conceito filosófico é regulado, pois todo o ser encontra-se em um processo histórico determinado por inúmeras circunstâncias que determinam o seu modo de pensar. Logo, *“toda a mundividência é o produto da história”* (DILTHEY, 1992: 34). Isso remete-nos a ideia de que o pensamento hermenêutico diltheyano enraíza-se na história, pois o Homem é um ser histórico, fundamenta Dilthey. Logo, históricos são todos os produtos, os seus produtos culturais, só para destacar: a Filosofia e a Metafísica. Assim sendo, se o Homem é um ser histórico, então não existe filosofia que será eterna. Elas vão ser adequadas de acordo com as circunstâncias.

Dilthey parece estar a nos dizer que a experiência vivida não pode ser considerada como fundamento exclusivo das ciências do espírito, pois a experiência interna deve ser considerada como compreensão. Assim, é possível a compreensão porque a alma anda pelos caminhos habituais, nos quais já gozou e sofreu; sofreu e agiu em situações de vida semelhantes. Através de uma transferência interior, o Homem pode reviver diversas outras existências.

Dilthey (1992:21) anuncia as três cosmovisões do mundo (religiosa, artística ou poética e filosófica ou metafísica) que resulta das mundividências que se distinguem pela lei formativa, estrutura e seus tipos. No entanto, a função da ciência em Dilthey é meramente a conexão prática da vida numa regulação racional do trabalho enquanto que os géneros religioso, poético e filosófica vivem num contexto em que aceita a sua subtracção a vinculação social, subordinação dentro dos limites do tempo e da situação histórica. Estas concepções do mundo podem ser vistas no âmbito religioso, artístico e filosófico.

Em Dilthey (1992: 20- 28) podemos afirmar a existência de três tipos de mundividências que ajudam no processo hermenêutico, nomeadamente: mundividência religiosa que tem a sua

essência na ideia de fazer surgir uma relação entre o Homem e o invisível na tentativa da interpretação da realidade, a valorização da vida e o ideal prático; mundividência artística ou poética que encontra uma relação vital entre a obra literária e o artista, e ainda a relação entre a obra com a concepção do mundo. Esta mundividência exalta a questão da vida como sendo um tecido de ilusões e paixões criadas pela própria natureza sem qualquer desígnio por impulso obscuro e em vontade confirma-se o seu triunfo; por fim, a mundividência filosófica ou metafísica afirmando Dilthey que, a Filosofia busca firmeza, força actuante, dominação e validade universal e, a metafísica torna-se um sistema com o apoio da elaboração de representações e conceitos deficientes que se tinham formado na vida e na ciência.

Em suma, o acto de interpretar leva em consideração a história vivida e não simplesmente o texto em si, pois entende-se que a compreensão está além do escrito e é universalidade porque entende-se que o Homem é um ser histórico. Ao longo deste capítulo são apresentados os elementos que fundamentam a centralidade da consciência histórica na hermenêutica filosófica historicista de Dilthey. Nestes termos, percorre-se a definição de consciência histórica, onde tudo gravita em torno da historicidade humana, o que justifica a cosmovisão historicista que a hermenêutica deve observar. Isto desagua na ideia de que a historicidade humana é condição e fulcro da actividade hermenêutica.

CAPÍTULO III: INTEGRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA BUSCA DO SENTIDO DA CONDIÇÃO HUMANA

Neste capítulo pormenoriza-se a interligação da consciência na busca do sentido da condição humana. Para alcançar este desiderato detalha-se a questão da consciência histórica e compreensão da vida, a compreensão da vida como base da hermenêutica e o lugar do círculo hermenêutico na consciência histórica.

3.1. A consciência histórica e compreensão da vida

Pela interpretação que se pode fazer a partir do pensamento diltheyano, conclui-se que a compreensão é vista como um factor chave para a argumentação hermenêutica. Isso acontece porque Dilthey enquanto historicista, preocupa-se com a compreensão e não pela explicação, só para lembrar que Dilthey expõe essa ideia no seu enquadramento da compreensão enquanto método das ciências do espírito, ao passo que a explicação (enquanto método das ciências naturais) cria obstáculos para o entendimento da historicidade humana.

Os conceitos de vida e historicidade percorrem a hermenêutica diltheyana, pois consideram-se termos chaves para a compreensão do mundo e do Homem (particularmente) no pensamento do historicista. Isso implica dizer que nas argumentações sobre as ciências do espírito, o conceito “vida” deve ser vista numa dimensão mais ampla e não somente na dimensão biológica. Ou seja, o conceito “vida” tem na hermenêutica de Dilthey uma compreensão histórica que deve ver com o passado do Homem e os seus comportamentos actuais, pois em Dilthey, há que compreender o Homem e explicar a ciência.

Comprender e interpretar es el método que colma las ciencias del espíritu. Todas las funciones se unifican en ello. Contiene en sí todas las verdades de las ciencias del espíritu. En cada punto, la comprensión abre un mundo. [...] Se trata de fijar para el saber histórico la ganancia de la comprensión de otros. (DILTHEY, 2000: 155).

Na reflexão compreensiva de Dilthey sobre a compreensão da vida, as ciências de espírito ganham espaço, na medida em que se objectivam com a compreensão do Homem na sua base histórica. Dai que, a vida humana no passado cria impactos para a compreensão do Homem no presente, sua forma de vida e cognição. Logo, entender a historicidade humana estaria voltado, não para se fixar em dados objectivos e exterior ao Homem. Mas, em dados interiores do mesmo Homem que hoje se reflecte naquilo que vivenciou durante o seu passado histórico.

À luz de Dilthey, a interpretação de um texto não deve ser vista apenas ao pé da letra, mas com uma interpretação e compreensão de que existe por detrás dele, uma estrutura histórica que o

autor deseja transmitir. Daí que, os textos são usados como meio de compreensão da realidade de vida do autor. *“Estes são vistos como meios para o reconhecimento da realidade histórica que eles tornam acessível”*. (GADAMER, 2003: 11).

Ao reflectir-se sobre a vida, Dilthey chama-nos a atenção de que ela não pode ser reduzida e nem limitada pelos pressupostos da realidade, Ou seja, a vida pressupõe uma estrutura na qual estão contidas nela diversos aspectos da vida humana concreta que se construiu ao longo da própria história. Assim, o texto contém um sentido que lhe é puro e a história pode ser considerada pura, na medida em que pode ser compreendida. *“Assim como se pode compreender um texto porque ele contém um “sentido puro”, também a história pode, em última instância, ser compreendida. A hermenêutica é o método universal das ciências históricas”* (*idem*). A hermenêutica enquanto um método universal das ciências históricas, ela procura ajudar o Homem a compreender sobre as vivências da vida, olhando para o passado como o ponto de partida para o conhecimento do presente.

Portanto, a vida em si traz alguma reflexão e o saber existe aí como algo intrinsecamente ligado à vida. Com isso, mesmo que o texto tenha um sentido puro, é importante que se faça uma reflexão sobre a vida que o texto carrega consigo mesmo e com aquilo que deseja transmitir aos seus leitores.

A partir da hermenêutica de Gadamer, podemos reafirmar que o passado não pode ser visto como um acumulo de factos isolados. Mas, como um acumulo de experiencias que contribuem para a compreensão da vida do Homem no presente. Por isso, a consciência histórica deve ser vista como um fluxo em que nos movemos e participamos em todo o acto da compreensão do Homem.

Devemos ter senso histórico que deve significar para nós, a tomada de consciência que em nossa volta exista um horizonte histórico extensivo que nos permite entender a vida que vivemos e que desejamos trilhar. Com isso, ao termos o senso histórico, automaticamente somos chamados a ter a consciência histórica que nos vai permitir ter uma posição reflexiva sobre todos os factos históricos que nos são transmitidos pela tradição. Assim, não veremos a tradição de forma cega. Mas, iremos recolocar a consciência histórica e no contexto em que ela se originou com o objectivo de encontrar o real valor e significado da história, mesmo sendo relativo, pois a relatividade faz parte da compreensão hermenêutica.

3.2. Compreensão da vida: base da hermenêutica historicista

O conceito de compreensão aparece como sendo fundamental na hermenêutica de Dilthey, pois este ao introduzir as ciências do espírito, procura fazer uma virada paradigmática com o conceito de explicação que era o princípio orientador das ciências naturais que eram usadas, também, para as outras ciências, além das naturais. Logo, em Dilthey, denota-se que o método explicativo colocava obstáculos para a compreensão das ciências do espírito. *“E na compreensão partimos de textura do todo, que se nos oferece de um modo vivo, tornando-nos assim apreensível o singular. O facto de vivermos na consciência da conexão do todo permite-nos compreender uma proposição singular, um gesto ou uma acção determinada”* (DILTHEY, 1992: 57). A compreensão enquanto método das ciências de espírito visa fazer uma introspecção na vivência humana e fazer brotar uma nova visão do futuro com base no passado.

A compreensão só pode existir se, existir uma dimensão da consciência histórica e isso vai consciencializar o hermenêuta na posição de que em cada tempo histórico, as visões do mundo sobre uma mesma realidade podem ser ou não diferenciadas, pois cada um pensa na realidade consoante o seu passado histórico. Assim, a compreensão, própria das ciências do espírito, consiste num retorno do manifestado para o interior, ou mais precisamente, para a auto-reflexão, que se dá a conhecer na expressão. Logo, com a citação em vista, fica-nos claro que em Dilthey, o problema da compreensão da vida do Homem era o problema da compreensão da consciência da historicidade do Homem perdido nas categorias estéticas da ciência. Logo, o Homem tinha que recorrer a sua historicidade para a interpretação de algumas categorias da vida.

De acordo com Silva (2015:42), com Dilthey compreende-se o Homem mediante o que este tem sido ao longo do tempo, participando do sentido do seu significado e explica-se a natureza, que é a segunda universalização da hermenêutica que passa a responder à necessidade sentida pela história que alarga o campo de compreensão tradicional. Quer dizer, abre espaço para as futuras hermenêuticas passarem a basear-se na historicidade aberto pelo Dilthey. Daí que, é considerado “filósofo da vida”, pelo facto de dado avanço a historicidade e empenhou se bastante para compreender a historicidade e via o Homem como um animal hermenêutico.

Pode se notar que Dilthey rompe com a tradição de ver a hermenêutica, deixa de ser ciência de interpretação como constitui Schleiermacher e passa a ser um método que sustenta e ao serviço das ciências humanas e sociais. Dito doutro modo:

A hermenêutica deve fundamentar teoricamente a validade universal da interpretação [...] concebida na conjunção entre teoria do conhecimento, lógica e metodologias das ciências humanas, esta teoria da interpretação se torna um importante elo de ligação entre a filosofia e as ciências humanas, ela se torna um elemento principal para fundamentação das ciências humanas (DILTHEY, 1999: 32).

Pode-se aferir que a vida humana é complexa e possui mais aspectos do que os fenômenos da natureza, uma vez que todas as experiências humanas e atividades são atravessadas por escolhas, preferências, valores, julgamentos. Diante disso, as ciências humanas devem, também constituir um corpo de disciplinas mais variado e mais dividido, o qual nenhum método ou princípio pode governar. As ciências humanas seriam assim dependente da habilidade dos pesquisadores para entender o padrão estrutural da experiência e como consequência ver o comportamento humano do interior.

Sendo que a vida é o conjunto das experiências de cada indivíduo, Dilthey (*apud* PALMER, 2006: 115), sustenta que a experiência tem fundamentado todos os esforços seguintes que afirmam a historicidade da existência humana no mundo. Esta historicidade não é a união de passados, mas sim, é uma mentalidade tradicional que nos subordina a ideias mortais. A experiência é intrinsecamente temporal por isso é dado em categorias de pensamento temporais, ou seja, em histórias. Isso quer dizer que só compreendemos o presente apenas no horizonte do passado e do futuro.

Com o passar do tempo, como mostra Dilthey (1999: 13), que a estranheza da vida humana aumenta a medida que o homem experimenta na sociedade e na natureza a luta permanente, a aniquilação constante de criatura por outra, e a crueldade que impera na natureza. Com a repetição e ligação destas experiências de vida surgem novas disposições acerca da vida. Em Palmer (2006: 124), entende as mundividências como sendo aquilo que a compreensão capta na interação essencial recíproca de todo e das partes. O todo recebe a sua definição das partes e reciprocamente as partes só podem ser compreendidas na sua referência ao todo. Ou seja, mundividências são as maneiras ou modalidades de lidar com as contradições da vida. É uma forma de ver, perceber e conceber o mundo que influencia a vida espiritual do ser humano.

Todas as mundividências, na explanação de Dilthey (PALMER: 15), apresentam uma estrutura ou regra geral que é a conexão sobre uma concepção referencial do mundo, pela qual se decidem as questões acerca do significado e do sentido da vida e daí se deduzem o ideal, o sumo bem, os princípios supremos da conduta humana. Essas mundividências tornam-se configuradora, reformadora e podem fomentar a compreensão da vida. Diante disso, as

mundividências na perspectiva do Dilthey (PALMER, 2006:17), desenvolvem-se em condições diferentes e daí, a multiplicidade das concepções do mundo.

3.3. **Círculo hermenêutico e consciência histórica**

A hermenêutica filológica de Schleiermacher tem uma regra, dentro do círculo hermenêutico, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do individual e o individual a partir do todo. Assim acontece com a consciência histórica em que somos chamados a entender o todo a partir das experiências singulares. Se estivermos de acordo com esta hipótese, então somos chamados a compreender a hermenêutica de Dilthey com base num círculo hermenêutico que tem a consciência histórica como elemento primordial. Ou seja, é uma regra que procede da antiga retórica e que a hermenêutica moderna transferiu da arte de falar para a arte de compreender. A antecipação de significado, na qual está entendido o todo, chega uma compreensão explícita através do facto de que as partes que se determinam a partir do todo, determinam por sua vez o todo.

O movimento circular da compreensão vai constantemente do todo á parte e desta ao todo. A tarefa é ampliar a unidade do sentido compreendido em círculos concêntricos. O critério correspondente para a correcção da compreensão é sempre a concordância de cada particularidade com o todo. Quando não há tal concordância, isso significa que a compressão malogrou. (GADAMER, 1999: 436).

Esse processo de construir uma frase é dirigido por uma expectativa de sentido, procedente do contexto do que lhe procedia, mas evidentemente admite-se correcções se o texto exigir. Isso quer dizer que a expectativa muda de sintonia, e que o texto se recolhe na unidade de uma intenção, sob uma expectativa de sentido diferente. Para Schleiermacher (1999: 46-47), o princípio hermenêutico diz que o todo é seguramente compreendido a partir do particular, também o particular apenas pode ser compreendido pelo todo. Seja uma palavra cujo valor linguístico geral é conhecido, a parte desse valor linguístico que se aplica na passagem dada e aquelas que devem ser excluídas, apenas será determinada através das outras partes da mesma frase.

Ora, Schleiermacher (1999:437) distingue nesse círculo hermenêutico, do todo e da parte, um aspecto objectivo (dimensão gramatical) e subjectivo (dimensão tecno-psicológica). Tal como cada palavra forma parte do nexa da frase, cada texto forma parte do nexa da obra de um autor, e esta forma parte do conjunto correspondente do género literário e de toda a literatura. Mas, o mesmo texto pertence como manifestação de um momento criador, ao todo da vida da alma de

seu autor. A compreensão se realiza, a cada caso a partir desse todo, de natureza tanto objectiva como subjectiva.

No que se relaciona com essa teoria do círculo hermenêutico, Dilthey fala de estruturas e da concentração num ponto central, a partir do qual se produz a compreensão do todo. Com isso transporta-se o mundo histórico, que desde sempre foi um fundamento de toda interpretação textual: afirmando-se que cada texto deve ser compreendido a partir de si mesmo. Para Dilthey (1992: 2-3) e Palmer (2006: 107), a historicidade humana revela-se como uma propriedade fundamental da consciência do ser humano. Contudo a história é uma expressão da vida, o homem é um ser histórico por natureza. O problema da compreensão do homem era para Dilthey, um problema de recuperação de consciência da historicidade humana. A vida devia ser compreendida a partir da experiência da própria vida, Dilthey segue Hegel defendendo que a vida é uma realidade histórica.

A tarefa da hermenêutica não é de desenvolver o procedimento da compreensão, mas é de esclarecer as condições em que surge a compreensão. A divisa de Schleiermacher ligada com estética de génio, segundo a qual ‘temos de compreender um autor melhor do que ele mesmo’ é inaceitável, pois não podemos equiparar o intérprete com o autor original do texto porque existe uma diferença insuperável, diferença dada pela distância histórica: *«Cada época tem de entender um texto transmitido de forma particular, pois o texto forma parte do todo da tradição, na qual cada época tem um interesse pautado na coisa e onde ela procura compreender-se a si mesma»* (SCHLEIERMACHER, 1999:443).

O verdadeiro sentido de um texto está sempre determinado também pela sua situação histórica e por consequência por todo objectivo histórico. O sentido de um texto supera sempre o seu autor, por isso a compreensão não é apenas um comportamento reprodutivo mas também é sempre produtivo. *“... É a partir da própria vida que temos que desenvolver o nosso pensamento e é para ela que orientamos as nossas questões. Não tentemos encontrar ideias detrás da vida. “O nosso pensamento não pode ir além da própria vida.”* (SCHLEIERMACHER, 1999:105- 106). Como avança Ngoenha, na sua obra intitulada *“Por uma dimensão moçambicana da consciência histórica”*, a história dos homens não é simplesmente memória, mas é também projecção em frente, sentido do futuro como atestado de projecção da liberdade; uma liberdade que rompe com os esquemas fixos de progresso e regresso. (NGOENHA, 1992: 117).

Portanto, no decurso deste capítulo são debatidos os pontos centrais através dos quais se procura fazer compreender a necessidade da integração da consciência histórica na busca do sentido da condição humanas. Neste desiderato, a reflexão gravitam a volta da vida humana como a que deve ser compreendida por meio da interpretação da historicidade humana.

CONCLUSÃO

Chegados a este ponto de reflexão nesta pesquisa, importa realçar alguns pontos cruciais sobre o pensamento filosófico-hermenêutico proposto pelo grande historicista alemão, Wilhelm Dilthey. Nesta senda, temos na época contemporânea, a obrigação de reintegrar a consciência histórica como parte processo hermenêutico, pois é a proposta que se coloca nesta pesquisa científica virada para a área da Hermenêutica filosófica enquanto método de compreensão dos textos filosóficos e do Homem.

Com isso, percebe-se que o pensamento historicista de Dilthey contribuiu de forma notória para o horizonte da hermenêutica, colocando-se assim, como um dos principais contributos para o progresso da hermenêutica enquanto área dos estudos filosóficos. Com isso, Dilthey propôs-se a discutir sobre vários temas, com destaque para a inserção da consciência história como meio de compreensão do texto e do Homem. Assim, focando-se na questão da consciência histórica, Dilthey chama-nos atenção para o não abandono da historicidade humana, pois este é um dos principais factores para o entendimento e compreensão hermenêutica, pois as obras devem ser interpretadas com base no contexto histórico do autor da mesma. Num outro prisma, a questão das mundividências enquanto experiências vividas devem ser tomadas em conta no processo hermenêutico, pois muitas vezes, o contexto de leitura de uma obra filosófica não se faz no mesmo contexto social, político, económico do autor e por conta da distância temporal, o intérprete não se deve abster da consciência histórica e a distância temporal não pode ser o factor negativo para hermenêutica filosófica.

Enquanto historicista, Dilthey coloca a sua proposta hermenêutica com base na historicidade humana, visto que existe uma dependência relativa ao passado histórico no processo da interpretação de um texto filosófico. Logo, o Homem actual compreende-se a si mesmo com base num passado histórico de que ele é herdeiro.

Na vertente da união das ciências naturais e do espírito, nosso autor central diz que se deve estabelecer um objecto e método específico para cada tipo de áreas, pois uma área visa a explicação dos factos, ao passo que a compreensão histórica do Homem, assim como das condições exteriores a ele. Por isso que, em Dilthey deve se entender sobre as ciências humanas ou do espírito, pois é nesta área que ele desenvolve a sua hermenêutica histórica e graças a sua crítica da razão histórica as ciências do espírito são vistas como importantes, embora não tivessem um método monista que se verificava com as ciências da natureza.

Bibliografia

a) Do autor

DILTHEY, Wilhelm. (1992). *Tipos de concepção do mundo*. Trad. Artur Morão. [s.l], Lusosofia: press.

_____. (1992). *Os Tipos de concepção do mundo*. Artur Morão (Trad.). [s.l]: Lusofonia.

_____. (1992). *Os Tipos de concepção do mundo*. Artur Morão (Trad.). [s.l]: Lusofonia.

_____. (1999). *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Marco Antonio Cassanova (Trad.). São Paulo: Unesp.

_____. (2000). *Dos escritos sobre hermenêutica: El surgimiento de la hermenéutica y los esbozos para una crítica de la razón histórica*. Madrid, ISTMO.

a) Sobre o autor

REIS, José Carlos. (2002). *A “crítica da razão”: Dilthey versus Kant*. Minas Gerais, UFMG.

SILVA, Maria Luísa Portocarrero F. (2015). *Hermenêutica Filosófica: Metodologias e conteúdos*. Coimbra: Imprensa Universitária.

b) Complementares

ABBAGNANO, Nicola. (1998). *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fonte.

GADAMER, Hans Georg. (1999). *Verdade e método: Elementos de uma Hermenêutica Filosófica*. 3.ed., Trad. Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro, Vozes.

_____. (2003). *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. 2. ed., Rio de Janeiro: FGV.

GRONDIN, Jean. (1999). *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo, UNISINOS.

HEGEL, G. W. F. (1992). *Fenomenologia do espírito: parte II*. Trad. Paulo Meneses e José Nogueira Machado. Petrópolis, vozes.

KANT, Immanuel. (2001). *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa, Calouste Gulbenkian.

LOBO, António. (1999). *Dicionário de Filosofia*. 5. ed., Braga, Plátano.

NGOENHA, Severino Elias. (1992). *Por uma dimensão moçambicana da consciência histórica*. Porto: Salesianas.

PALMER, Richard. (2006). *Hermenêutica*. Maria Luísa Ribeiro Ferreira (Trad.). Lisboa: 70.

REALE, G; ANTISERI, D. (2006). *História da filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo, Paulus, v. 6.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. (1999). *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 4. ed., São Paulo, Editora Universitária São Francisco.